

Um olhar pedagógico sobre o projeto cultural da FALE/BHtrans – “leitura para todos” – no interior dos ônibus: repercussões e alternativas na prática da leitura

Cristiane Rute Machado da Silva *
Mayara Marinho Silva Oliveira *
Renata Cristina da Silva Sousa *
Tamara Seabra de Souza *
Orient.: Vera Lúcia Lins Sant’Anna **

RESUMO

A Faculdade de Letras da Universidade Federal/MG vem desenvolvendo desde 2004, em Belo Horizonte, o projeto “Leitura para Todos”, com o objetivo de proporcionar o conhecimento da literatura brasileira nos ônibus da capital, fomentando assim o gosto pela leitura em seus usuários. Analisar esse projeto como uma das práticas educativas inseridas na sociedade contemporânea é o principal objeto desta reflexão. Para isso foram realizadas pesquisas bibliográficas e de campo. A leitura é um ponto fundamental para o ser humano, pois, por meio dela, ampliam-se visões e interpretações sobre o mundo e a vida como um todo. Sabe-se que o hábito da leitura é influenciado por diversos motivos e um deles está ligado à escolarização. Foi possível perceber que o projeto tem repercutido positivamente, servindo de referência para outras cidades brasileiras.

Palavras-chave: Leitura; Literatura; Sociedade; Textos literários e cultura.

1- INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de uma pesquisa realizada, com a finalidade de analisar pedagogicamente o projeto “Leitura para Todos” como prática educativa em ambiente não escolar. Elegemos como objetivos específicos: identificar como se dão as práticas de leitura dos usuários dos coletivos e apontar as repercussões desse projeto.

Ao longo deste trabalho, desejou-se responder às seguintes questões:

- Se uma das desculpas do baixo nível de leitura literária das pessoas é a falta de acesso a ela, será que elas reconhecem esse tipo de projeto como uma forma de acesso?
- O projeto foi implantado nos ônibus, pois por eles transitam vários indivíduos (analfabetos, analfabetos funcionais, alfabetizados, letrados). De que forma o projeto pretende contribuir para a elevação do nível de leitura por meio da Literatura Brasileira?

Buscaram-se as respostas por meio de um formulário dirigido à Faculdade de Letras da Univer-

sidade Federal de Minas Gerais (FALE/UFMG) e ao responsável que administra o projeto na Empresa de Transportes e Trânsito de Belo Horizonte – BHTRANS, além de conversa com passageiros de três linhas de ônibus de Belo Horizonte em cujos veículos as lâminas estavam afixadas.

2 - CONTEXTUALIZAÇÃO DA LEITURA E DA LITERATURA NO BRASIL

Os dicionários da língua portuguesa conceituam leitura como “ato, arte ou hábito de ler, aquilo que se lê”. Solé (1998) amplia o conceito, afirmando que leitura “é um processo de interação entre o leitor e o texto, neste processo tenta-se satisfazer [obter uma informação pertinente para] os objetivos que guiam sua leitura”. Usaremos a palavra leitura nessa perspectiva.

A leitura faz parte do cotidiano das pessoas. Por meio dela pode-se agir criticamente e com autonomia na atual sociedade letrada, podendo causar frustração ou desvantagem nas pessoas que não detêm essa prática. Essa desvantagem pode ser percebida na sociedade burguesa, conforme Staiger,

* Graduandas do curso de Pedagogia da PUC Minas. E-mails:

** Doutora em Ciências da Religião. Mestre em Educação. Professora da PUC Minas. E-mail: verasantanna@hotmail.com

A arte de ler e de escrever foi durante milhares de anos monopólio sagrado de pequenas elites. Por volta de 1750, no dealbar da revolução industrial, haviam decorrido quase 5000 anos sobre o aparecimento dos primeiros rudimentos da arte da escrita. Contudo, mais de 90 por cento da população mundial não tinha acesso à arte. (STAIGER, 1975, p.25)

A difusão da leitura tem sua raiz na necessidade burguesa que precisava de mão de obra qualificada. Por essa razão, se escolarizaram os operários, possibilitando o acesso à leitura. Percebe-se que a leitura é marcada pelo fator de ordem social. Na medida em que os operários aprenderam a ler, houve a expansão da indústria de produção de livros e do mercado consumidor de literatura.

Durante o século XIX no Brasil, o livro literário exerceu várias funções na sociedade e, mais uma vez, ele aparece como fator de ordem social. Como confirma Sergius Gonzaga (2002), o livro era a mais perfeita forma de prazer; era uma insubstituível fonte de conhecimento humano; era o próprio espelho da nação, na qual a pequena elite letrada se reconhecia; era o modelo supremo de correção e elegância do idioma pátrio.

Com o passar dos anos, os meios de comunicação ganharam lugar e houve uma queda na venda dos livros, “todavia não deve ser considerada como a emergência do apocalipse” (GONZAGA, 2002).

Na contemporaneidade, a leitura ainda é influenciada pela ordem econômica: os livros literários têm um preço muito elevado em relação ao salário mínimo que o brasileiro recebe. Assim, o nível de leitura continua baixo se comparado a outros países. A escola procura elevar esse nível, inserindo na disciplina de Língua Portuguesa fragmentos da literatura ou até mesmo destinando uma aula semanal para esse fim. A escola utiliza os fragmentos em atividades gramaticais e em interpretação de textos, buscando sempre incorporar conteúdos à literatura, modificando o significado real da leitura literária, tornando-a uma obrigação escolar.

Literatura advém do latim *litteratura*, “que significa arte de compor ou escrever trabalhos artísticos em prosa ou verso; o conjunto de trabalhos literários dum país ou duma época”¹.

Sendo a literatura um conjunto de trabalhos literários dum país ou duma época, caberia à escola

refletir sobre ela criticamente. Se a literatura é utilizada simplistamente, quando o indivíduo está em processo de escolarização, ao alcançar a fase adulta provavelmente não verá significado na leitura literária. O que impossibilita a ampliação dos seus horizontes de experiências por meio da leitura e a reflexão sobre seus valores e condutas.

Ao professor cabe selecionar os tipos de textos viáveis para seus alunos, sendo de extrema importância o uso da literatura no **estímulo à leitura** [grifo nosso] desde o início da escolarização das crianças. É na escola que a criança aprende a ler e a usar a leitura.

O exercício da leitura não se restringe apenas à habilidade de decifração de códigos escritos, mas estende-se à compreensão, à reflexão e à aquisição de novos saberes. Portanto, há uma grande diferença entre ser leitor e ler: o leitor caracteriza-se como um sujeito passivo, a quem pouco ou nada lhe acrescenta o ato de ler. Já o leitor é aquele sujeito ativo, criativo, que consegue ler as linhas e entrelinhas dos textos. (CORDEIRO, 2006, p. 91).

Ler não é compreender o sentido que o autor desejou na sua produção, mas inferir significado conforme sua experiência social, pessoal e econômica – o ato de ler é particular.

Os textos literários vêm sempre carregados da bagagem cultural, das sensibilidades e questões referentes ao tempo do escritor. “Cada texto, implícita ou explicitamente, traz perguntas e respostas que transformam em tema uma época, uma ideia, um conjunto de conhecimentos, uma forma de ver e de sentir o mundo” (CORDEIRO, 2006, p. 93). Assim, os textos literários contêm algumas “lacunas” a serem preenchidas pelos leitores durante suas leituras, cabendo aos mesmos preenchê-las de acordo com os acontecimentos de sua época, o que faz com que esses textos continuem surpreendendo seus leitores por causa dessa possibilidade.

Percebe-se que a leitura proporciona prazer ao leitor e o desenvolvimento das suas capacidades cognitivas, afetivas e psicomotoras.

3 - TRAJETÓRIA DO PROJETO “LEITURA PARA TODOS”

O projeto “Leitura Para Todos”, implantado em 2004, é uma das atividades feitas pelo programa “A

1. Dicionário Aurélio Eletrônico, 2008, p. 1.

Tela e o Texto”, criado em 1998, que tem como objetivo elevar o índice de leitura da população brasileira (principalmente daqueles que têm pouco acesso a livros) através da disponibilização dos textos mais conhecidos e ricos da literatura brasileira – poemas, contos, crônicas, romances – impressos e plastificados em lâminas no tamanho A4, que são amarradas nas poltronas dos ônibus de Belo Horizonte. Esse projeto é uma iniciativa da Faculdade de Letras da UFMG (FALE) em parceria com a BHTRANS, empresa patrocinadora de todas as lâminas e de todas as bolsas dos monitores do projeto – responsáveis por sua manutenção e repercussão.

Ao entrevistar a professora Maria Antonieta Pereira, coordenadora e autora do projeto “Leitura para Todos”, ela relatou que a iniciativa de se criar esse projeto surgiu durante a realização de seu curso de mestrado na Argentina (Buenos Aires), em que sempre via as pessoas lendo diversos tipos de textos e livros dentro do metrô, e também ao ver a ótima ideia de um homem que xerocava os livros mais conhecidos, encadernando-os com capa de papelão e os vendendo por um preço muito barato, para que toda a população tivesse acesso a essas obras.

Por ser o ônibus um meio que transporta uma quantidade significativa e variada de pessoas todos os dias, escolheu-se desenvolver aí o projeto. Nos ônibus, passam pessoas que têm muito acesso a livros de vários tipos e qualidades e também pessoas que têm pouco ou até nenhum acesso a eles.

Como o projeto tem tido boa aceitação pelos usuários dos ônibus, a sua autora afirmou que: “posteriormente, foram confeccionados livrinhos para serem vendidos a baixo custo (R\$1,99 cada), contendo as obras dos autores mais famosos da literatura brasileira, para incentivar ainda mais a leitura dos mesmos”.

O projeto conta com a participação do público através de ligações e de e-mails pelo site do programa “A Tela e o Texto”, no qual as pessoas buscam informações sobre o projeto, sugerem melhorias e enviam textos para que sejam publicados.

4 - UM OLHAR PEDAGÓGICO SOBRE OS RESULTADOS DA PESQUISA

Uma das etapas previstas no trabalho era verificar se o público-alvo do projeto o conhecia e lia as

lâminas. Dessa maneira, fomos observar e entrevistar alguns usuários de três linhas de bairros distintos.

Com base nos relatos, pôde-se perceber a repercussão do projeto. Foram entrevistados 26 usuários das linhas 2210A, 2256A e 2103. O nível econômico e social influenciou nos resultados da pesquisa, pois as linhas 2210A e 2256A são da região norte de Belo Horizonte e houve grande resistência em responder às questões. Já na linha 2103, da região oeste, eles foram mais receptivos e interessados na pesquisa.

A primeira pergunta foi: “Você sabe por que estes textos estão afixados nas poltronas dos ônibus?”. Dos 26 usuários, 12 responderam que sim, 7 que não e 7 deduziram que fosse um incentivo à leitura. “Penso que é para o povo que não tem acesso a livros por falta de dinheiro e tempo, principalmente por causa do dinheiro para comprar livros; para ter acesso aos nossos escritores, conhecendo um “conto” de Graciliano; Jorge Amado; para o público saber que existe e não ficar ignorante” (C.R.M., 55 anos).

“Creio que é para distrair os passageiros ou para incentivar a leitura ou, às vezes, para dar alguma informação sobre a linha e o ônibus”. (J.C.T., 38 anos).

Ao serem indagados sobre o costume de ler os textos, obtivemos o seguinte resultado: 13 pessoas leem, 6 não leem e 7 às vezes leem.

A terceira questão se referiu à opinião dos usuários quanto ao projeto. As respostas foram bem diversificadas: 2 achavam o projeto excelente, 4 ótimo, 6 bom, 7 importante, 1 ruim, para 3 não fazia diferença e 3 não responderam.

Duas pessoas relataram que o projeto “é interessante para quem gosta de ler” (G.P.S., 35 anos); e o trocador de uma das linhas falou que “faltam figuras nas lâminas, o que torna difícil a interpretação; o projeto está lidando com pessoas “chucas” e intelectuais” (C.R.T., 25 anos).

A última questão da entrevista indagava sobre a percepção dos usuários em relação às lâminas como incentivo à leitura e se lhes acrescentavam algo na vida. As respostas nos chamaram muita atenção, por essa razão as falas foram transcritas na íntegra, preservando a identidade dos entrevistados.

A maioria das pessoas respondeu que os textos são um incentivo à leitura, apenas três disseram que não, e suas respostas foram: “Não, nada” (D.S.F., 23 anos); “Não, não gosto desse tipo de leitura, leio so-

mente a bíblia e livros evangélicos” (H.D.S, 45 anos); “Eu não acho como incentivo, pois não me chamam a atenção não” (F.R.G., 32 anos). Fica claro que essas pessoas não veem motivo algum para as lâminas estarem dentro dos ônibus.

Já as pessoas que afirmaram ser um incentivo disseram:

“Percebo como um incentivo, ler nunca é demais: aprimora os conhecimentos; o hábito de ler e escrever; engloba todos os fatores” (A.F.R., 39 anos).

“Sim. A leitura distrai e precisamos muito de ler, apesar das mudanças que têm acontecido na Língua Portuguesa, o que acho que não deveria acontecer. Conheço o projeto desde que começou na linha nº 2 e só agora ele está chegando na periferia. Muda a vida da gente, tem dia que estamos tristes e a leitura nos ajuda nesse sentido” (F.T.B., 60 anos).

Além dessas respostas, outros argumentos positivos foram relatados, tais como: estímulo à criatividade; acesso a outras culturas; preenchimento do tempo livre durante a viagem; aquisição de conhecimentos; aguçar a curiosidade sobre as obras e seus autores; abranger um grande número de pessoas. Para algumas pessoas o incentivo depende dos tipos de textos disponíveis.

Nota-se que os entrevistados, em sua grande maioria, respondem impulsivamente por desconhecerem o projeto e por não refletirem sobre o mesmo.

Mais uma vez foi possível perceber a influência do fator econômico e social na prática da leitura, pois as pessoas que têm o hábito de ler desde a infância consideram o projeto positivo, enquanto as pessoas que não o têm não vão adquiri-lo somente lendo as lâminas presentes nos ônibus. O hábito é constituído ao longo dos anos. Aqueles indivíduos que têm um alto nível de conhecimento científico, veem as lâminas como aprimoramento dos conhecimentos, todavia aqueles menos instruídos academicamente, mas leitores, as reconhecem além das capacidades e habilidades cognitivas, mas interligadas à sabedoria da arte de viver.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constata-se, por meio das análises realizadas, que proporcionar o acesso à leitura de qualidade, como os textos literários, não é suficiente para fazer com que as pessoas criem o hábito da leitura. A ini-

ciativa da FALE juntamente com a BHTRANS tem ótimas repercussões desde que o projeto foi implantado, porém o desejo vai de encontro aos obstáculos.

O projeto permite à população ter acesso à literatura brasileira, contudo o que pôde ser percebido é que o público-alvo não reconhece a importância enraizada nele. Quando projetos como este são realizados, o acesso deixa de ser desculpa e passa a ser incômodo para algumas pessoas; a questão principal é a escolarização da literatura. Dessa maneira, o projeto só atinge as pessoas que já têm gosto pela leitura.

Todavia, não há como atender a toda a diversidade cultural, regional e social dos usuários dos ônibus, uma vez que o projeto não visa alfabetizar ninguém, contribuindo apenas para a prática cotidiana de leitura, sendo quase impossível atingir os analfabetos e as pessoas que têm certos tipos de necessidades educacionais especiais.

Com o projeto, considera-se que toda estratégia que visa elevar o nível de leitura é pertinente, mas ainda há muito a ser feito. A mobilização inicial deve partir da família e da escola, fomentando desde a infância o hábito da leitura, para que haja uma cultura de leitores literários e escritores na sociedade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria José de Castro; PEREIRA, Maria Antonieta; SILVA, Rubens Rangel. **Leitura para todos: antologia**. Belo Horizonte: Linha Editorial Tela e Texto, 2008. 80 p.

CORDEIRO, Verbena Maria Rocha. Escritores e leitores. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (Org.). **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: MEC, 2006. p.90-95.

DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO, 2008, p.1.

GONZAGA, Sergius. A importância da literatura. Educater, Tema do mês, 17/12/2002. Disponível em: <http://educater.terra.com.br/literatura/temadomes/temadomes_importancia_1.htm>. Acesso em: 01 out. 2008

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. Cap. 2, p. 107-116.

HIGINO, Anderson; BARBOSA, Clarisse; PEREIRA, Maria Antonieta (Org). **Formando leitores de telas e textos**. Belo Horizonte: Linha Editorial Tela e o Texto. 2007. 176 p.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiai (Org.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. Cap. 1. p. 17-41.

SOLÉ, Isabel. O desafio da leitura. In: SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. Cap. 1. p.21-37.

STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais da poética**. (Trad.). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

UNESCO. **O ensino a leitura**. Lisboa: Estampa, 1976.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1991. 148 p.